

## 5. A Pesquisa

“Todas as mágoas são suportáveis quando fazemos delas uma história ou contamos uma história a seu respeito”  
(Isak Dinesen)

O estudo que realizei trata-se de uma pesquisa qualitativa, que teve dois grandes momentos.

No primeiro momento, houve a realização de pesquisa documental, onde considerei o histórico da ABSAL desde sua concepção em 2003, início das atividades em 2004 e todo seu percurso até 2007. Considerei todos os registros encontrados tais como: atas de reuniões: de equipe, de lideranças comunitárias, de pais e responsáveis, relatórios de atendimentos individuais e em grupo, relatórios do grupo de pesquisa iniciado em 2007.

O segundo momento caracterizou-se pela realização de onze entrevistas semi-estruturadas com os responsáveis pelas crianças atendidas no CSSE.

Como resultado desse conjunto, obtive dados que analisados, descritos e compreendidos deram sentido as atividades desenvolvidas (pela assistente social) no CSSE no período estudado.

Em 2004 iniciamos o atendimento com crianças e conseqüentemente suas famílias. Deste período até 2007 nunca tivemos a capacidade total de crianças atendidas, ou seja, trinta crianças, sendo quinze por turno.

No entanto tivemos crianças que estiveram conosco nos três primeiros anos e crianças que tiveram seus irmãos também atendidos no projeto.

Ao longo desses quatro anos tivemos 66 crianças atendidas. Dessas tivemos como critérios para entrevistas que realizamos, tais como: crianças atendidas no primeiro anos do projeto, crianças com irmão no projeto, crianças ‘cuidadas’ por avós.

O fato de a criança ser ‘cuidada’ pelos avós, teve grande importância para esta pesquisa, por perceber aí uma característica diferenciada desempenhada pelos avós nesse novo contexto da família brasileira. Nota-se que para além dos pais a figura da avó, principalmente se faz presente e se mostra conhecedora de aspectos relevantes da vida da criança.

Diante disto, parece oportuno aprofundar o conhecimento dessa relação criança, avós, família. É o que farei a seguir.

### **5.1. Crianças e Avós**

A leitura da documentação do CSSE, especialmente os relatórios de atendimento individual e de reuniões com os familiares, além dos registros das reflexões de equipe, permitiu que fosse compreendida a posição singular da avó responsável e cuidadora.

Essa situação levou a equipe a realizar outro tipo de abordagem com as famílias, uma vez que, as crianças do Projeto conviviam diariamente com seus avós, principalmente com as avós maternas.

O papel dos avós está se redefinindo na sociedade. Ao pensar em avós, há que distinguir entre os avós mais velhos (acima dos 70 anos) e os avós jovens (pessoas que começam a ter netos antes dos 45 anos). Ainda que a idade não diga tudo serve de referência. Por isso, a quem nos referimos? Aos jovens ou aos mais velhos? No caso do CSSE às avós mais jovens preferencialmente.

Muitas avós têm a experiência da maturidade de seus filhos ainda muito novas. Elas se orgulham de seus netos e verbalizam desejo de lhes dar melhores condições de vida, uma vez que encontraram muita dificuldade na criação dos próprios filhos. Ser avó representa, para elas, uma oportunidade de resgatar o amor e o carinho com os filhos e a família de maneira geral.

Nesse sentido, passou-se a trabalhar com as crianças a valorização dos avós aproveitando através de atividades lúdicas previstas no dia a dia para fortalecer os laços afetivos entre todos os membros da família. Em 2004 realizou-se no CSSE o primeiro encontro entre avós e netos. Neste dia as avós passaram uma tarde com seus netos. Sendo as grandes protagonistas como contadoras de histórias, participando de brincadeiras e jogos da infância (Relatório - Julho/2004).

A presença das avós no Centro Social provocou nas crianças grande orgulho, pois neste dia cada avó estava numa situação de destaque. Resgatou-se as brincadeiras da infância das avós. Contaram histórias famosas dos clássicos infantis, mas também contos populares do folclore e da história de Vila Isabel.

Houve possibilidade das crianças vivenciarem uma experiência diferente de resgatar o orgulho e a admiração por suas avós, como também, das avós terem orgulho de narrar suas vivências a seus netos.

Veja-se o que diz Sousa e Rizzini:

“Pensar o que a figura dos avós representa para cada um de nós, por exemplo, implica ir muito além da simples descrição de progenitores à moda antiga. Se é verdade, como já dissemos, que a expectativa de vida tem aumentado em virtude da melhoria da qualidade de vida, dos avanços da medicina, das oportunidades de exercer novas formas de atividade na terceira idade, parece verdadeiro também que a figura dos avós tem aparecido com frequência no cotidiano das crianças, atuando até mesmo como suporte na educação e criação de netos (as)” (2002 : 120).

Esses encontros se sucederam e noto que a valorização e o respeito ao idoso (muitas vezes nem tão idoso assim), o resgate da infância simples que os mais velhos perderam por dificuldade da vida e até mesmo não conseguiram passar esse sentimento para seus filhos, podem agora tentar transmitir para seus netos.

Pois, a relação avós-crianças, se cuidada pode dar a oportunidade de ambos vivenciarem novas experiências.

Como se lê a seguir, em Sousa e Rizzini:

“Ao envelhecer, ela volta a lidar com seu passado na figura de seus filhos. Dar-se conta de que os anos estão passando ocorre à medida que percebe o próprio amadurecimento, quando se vê as pessoas do convívio diário se desenvolverem, quando há o nascimento de uma nova geração posterior a sua. Os avós lidam com o próprio amadurecimento, com o crescimento dos filhos, com o nascimento de mais uma geração na família: os netos” (2001:128).

A criação dos netos possibilita aos avós se darem conta do próprio amadurecimento. Mais maduros, muitas vezes são imprescindíveis na mediação dos conflitos entre pais e filhos, mesmo que, em geral, alguns pais reclamem que “eles ficam sempre do lado dos netos, fazendo sempre a vontade deles” (sic).

As (os) avós são jovens, velhos, rejuvenescidos pelas novas gerações ao se sentirem sujeitos no processo de educação, no crescimento de seus netos.

Nas reuniões mensais realizadas com os familiares do CSSE, por vezes inicia-se ao encontro com a leitura de uma literatura infantil, geralmente um dos clássicos dos Irmãos Grimm, Andersen ou Perrault ou ainda histórias que povoam a imaginação da maioria das crianças. Após a leitura da história, abrimos um espaço para o comentário dos presentes.

Certa vez foi lido o clássico João e Maria, no momento dos comentários, uma avó, que também tinha a filha presente na reunião passou a comentar sobre a falta da mãe e da fraqueza do pai em permitir que a madrasta da história abandonasse os enteados na floresta. Em seguida passou a falar de sua família das dificuldades na vida, mas que tinha muito orgulho de ser mãe, de ter filhos e de ser avó.

A senhora expressou ter desejado ter quatro filhos, e que família era “tudo” (sic). Tal afirmação levou as presentes a falarem de suas próprias famílias. As descrições eram ricas em detalhes e bastante esclarecedoras. Para esta avó a família era composta por todos os membros que viviam em sua casa marido,

filhos, genros, noras e netos. Dizia que a casa vivia cheia, era uma “confusão” (sic), mas que ela estava muito feliz.

Segundo Sarti:

“Pensar a família como uma realidade que se constitui pelo discurso sobre si própria, internalizando pelos sujeitos, é uma forma de buscar uma definição que não se antecipe à sua própria realidade, mas que nos permita pensar como ela se constrói, constrói sua noção de si, supondo evidentemente que isto se faz em cultura, dentro, portanto, dos parâmetros coletivos do tempo e espaço em que vivemos, que ordenam as relações de parentesco (entre irmãos, entre pais e filhos, entre marido e mulher)” (2007:27).

Apesar de cada ser humano possuir características próprias e estabelecer relações interpessoais diferenciadas a idéia de um modelo único para pensar a família persiste. Isso pode impedir de vivenciar e reconhecer como família os vários arranjos familiares que se apresentam atualmente o que dificulta o trato principalmente com as crianças. É nesse contexto que o papel desempenhado pelos avós é fundamental.

Numa convivência intensa os avós passam a ser parceiros dos pais nos cuidados com os netos. Porém, vale ressaltar que tal convívio pode igualmente gerar uma sobrecarga para os avós e conflitos geracionais. A vovozinha que era visitada nos fins de tarde pela Chapeuzinho Vermelho, é também quem se torna responsável pela vida da criança e no caso das avós, ainda muito jovens, a possibilidade da criança conviver também com a bisavó se torna cada vez mais comum.

Nesta circunstância é importante citar o caso de uma bisavó que contava com orgulho de ter criado a neta até o dia do casamento desta. Dizia que desde pequena a menina conviveu com ela e que naquele momento também criava a bisneta. A menina que era atendida no CSSE passava com ela de 2ª a 6ª feira e nos finais de semana quando estava com os pais pedia que a mãe ligasse para a bisavó duas vezes no dia, pois dizia estar “morrendo de saudades de sua avó” (sic).

Foi ela desde o princípio a responsável pela inscrição e permanência da menina durante os três anos de convívio no CSSE. Participava de todas as reuniões e eventos realizados pela equipe e tinha na bisneta sua principal companheira, que também não economizava elogios à bisavó.

Vitale afirma:

“Para as crianças pequenas, os avós fazem parte significativa do seu mundo: falar sobre eles é se expressar sobre a família. Para os adolescentes, quando outros grupos se tornam importantes, sua participação e influência tendem a decrescer. Do ponto de vista dos avós, as condições de saúde, de renda, de autonomia e, portanto de sociabilidade tendem a diminuir à medida que se aprofunda o processo de envelhecimento. Assim, avós de crianças pequenas e os de adolescentes e jovens adultos têm vivências distintas” (2007:99-100).

No caso da mãe desta menina, essa também falava com carinho da avó, a quem chamava de mãe. Em atendimento certa vez, comentou que sempre se relacionou melhor com a avó do que com a própria mãe.

Diante da necessidade de trabalhar fora não questionou quando a avó se prontificou em cuidar da filha (bisneta) quando ela necessitou. O convívio de avó e bisneta neste caso trouxe à bisavó o rejuvenescimento e alegria.

De acordo com Vitale:

“Na sociedade contemporânea, o aumento da expectativa de vida, bem como a maior permanência dos jovens em casa, modifica significativamente as relações intergeracionais: as crianças tendem a conhecer e a conviver mais com seus avós e bisavós. Há, com frequência, quatro gerações coexistindo numa mesma família. Vale enfatizar que essa convivência não apaga, contudo, os contornos e confrontos geracionais” (2007:98).

Entre as famílias menos abastadas não existe somente o aumento da expectativa de vida para os mais idosos, mas também o aumento de casos de gravidez na adolescência, a morte violenta e prematura dos homens, forçando os mais idosos a se responsabilizarem pelas crianças da família.

As experiências com as famílias atendidas no CSSE apresentam alguns casos onde são as avós as responsáveis pelas crianças. Muitos são os motivos, pais que trabalham fora, mães separadas, mães abandonadas pelos parceiros, ou simplesmente avós preocupadas com os cuidados pelos netos. Sinaliza-se aí o que se poderia definir como uma característica principal na relação de gênero, ou seja, a perspectiva do cuidado.

“As relações de gênero imprimem um perfil na relação avós-neto. Diz o ditado popular ser avó *é ser mãe duas vezes*; ser avô *é ser pai com açúcar*. Abrandam-se o modelo paterno, perpetuam-se os cuidados femininos. Talvez as coisas não sejam assim tão lineares: os modelos de atenção e vínculos com as crianças são revisitados, transformados e/ou mantidos com o nascimento dos netos. Mas, por certo, com os avós, homens e mulheres, dão um sentido diferente a essa relação, segundo suas experiências familiares e seus relacionamentos sociais de gênero” (Vitale, 2007:100-101).

Mais uma vez vale recordar a avó da reunião já mencionada que comentava sobre o prazer de ser avó, da alegria que seus netos lhe traziam, mesmo que a presença de tantas crianças em sua casa lhe impedisse de ver seus programas preferidos na T.V. ou dormir até mais tarde nos dias de domingo. Relatava que fazia com prazer os bolos e doces preferidos dos netos e citava que as “peraltices” (sic) que o neto mais velho aprontava eram as mesmas do filho mais velho na época escolar e que o jeito doce da neta a fazia recordar de si mesma.

Veja-se o que diz Vitale:

“Em um passado recente em que a mulher não trabalhava, ela era apenas dependente da figura masculina ou, mais tarde, dos filhos; o caminho ‘natural’ que se apresentava era cuidar dos netos, nem sempre na medida desejada. As atenções às crianças estavam, muitas vezes, inseridas em uma lógica de retribuições aos ‘favores’ recebidos dos próprios filhos” (2007:101).

Embora a presença dos netos convivendo com as avós representem sacrifícios para estas, as mesmas nos encontros diziam não abrir mão desse convívio, muitas afirmam que preferem que os netos fiquem com elas a conviver com estranhos. Uma senhora disse: cuidado dos netos não como um sacrifício, mas como uma missão que me dá muito prazer (sic).

Nota-se que as avós (talvez a maior parte) exercem a função materna ou possuem uma co-responsabilidade na educação de seus netos.

O círculo de relações familiares dessas crianças inclui a avó como presença forte.

Na experiência da assistente social no trabalho com avós no CSSE, o relacionamento entre avós e netos é bastante favorável, não significando que a presença dos avós represente a ausência de conflitos.

Muitas vezes são as avós que procuram o CSSE, preocupadas com o desenvolvimento dos netos ou pela situação vivenciadas por seus filhos onde as crianças acabam por serem vítimas de situações conflituosas.

Dentre os familiares das crianças que freqüentam o Centro Social é comum nas reuniões ouvir comentários sobre a dificuldade dos pais em educar as crianças. Costumam usar expressões como “antigamente”, “quando eu era criança, meus pais só olhavam”, “hoje os filhos não respeitam seus pais”. Os pais presentes sempre se referem às experiências da infância e de seu relacionamento com os próprios pais. E que atualmente encontram muita dificuldade em educar, por limites e regras aos pequenos.

Conflitos entre os casais (pais de crianças), casos de separações ou abandono de lares por um dos pares, gerando instabilidade emocional para as crianças, muitas vezes são os avós o principal e único elemento estável onde as crianças podem encontrar apoio.

Com intuito de ilustrar as afirmações acima relatar-se-á um caso vivenciado entre as crianças do Centro Social.

K.<sup>1</sup> é uma menina de quatro anos filha de um casal recém divorciado. Durante o período que aconteceu a separação de fato, que culminou com a saída do pai de casa, a menina e sua irmã de dez anos presenciaram algumas discussões entre seus pais. A mãe e a avó da criança procuram ajuda, pois, segundo as mesmas a menina vinha apresentando um comportamento agressivo com a irmã mais velha e com os demais adultos de seu convívio.

Como K. estava dentro do critério de elegibilidade e da faixa etária do CSSE, resolvi atendê-la e também porque a mãe assumiu que em algumas ocasiões havia agredido fisicamente a filha e reconhecia que aquela não era melhor maneira de agir com mesma.

O fato é que certa manhã, durante o momento de brincadeiras livres, quando as crianças brincam com brinquedos variados (carrinhos, bonecas etc.), K. que brincava de “mãe e filhos” com demais crianças, pegou um celular de brinquedo e começou a gritar incessantemente com outra criança o menino R.<sup>2</sup> de cinco anos, reclamando com este que ele ainda não havia vindo ver os filhos. K. aparentava bastante nervosismo e xingava o menino “seu marido” de irresponsável e que este não amava os filhos (sic).

Após a discussão a menina continuou a brincadeira normalmente, segundo ela precisava fazer a comida para todos, vale ressaltar que a mãe da menina trabalha vendendo quentinhas.

Os pais desempenham um papel fundamental na formação do caráter e personalidade da criança.

Veja-se o que diz Pernetta:

“A criança tem o centro de equilíbrio psicológico depositado nos pais. Como consequência desse fato, influencia-se em alto grau pelo estado emocional deles, participa estreitamente de suas alegrias e tristezas, depressões e entusiasmos, desânimos e expectativas. E, fatalmente, intranqüiliza-se diante de suas desavenças. Se for coisa leve e passageira muito bem. Mas conflitos sérios e repetidos infundem em seu espírito angústia e

---

<sup>1</sup>K. Inicial fictícia do nome original.

<sup>2</sup>R. Inicial fictícia do nome original

insegurança, ainda que cada um dos pais mantenha com ela relações muito afetuosas (1982:83-84)”.

Nessa situação, conhecer toda a estrutura familiar foi de grande importância, pois, conflitos geracionais entre membros da família não é caso raro de acontecer.

A avó da menina quem nos procurou também estava muito preocupada com os conflitos gerados pelo fato das netas acompanharem todas as discussões entre os pais que estavam se separando, comentou também que a presença de crianças na casa onde inicialmente viviam mãe (avó da menina) com sua mãe (bisavó da menina), provocou mudanças na rotina da família.

No entanto, o conflito geracional entre avós e netos pode representar o rompimento ou a separação entre os membros da família.

Numa casa em que inicialmente viviam duas mulheres uma de cinquenta e outra de mais de oitenta, passaram a viver mais três, uma mulher de trinta anos recém separada e suas duas filhas uma de onze anos e outra de três anos.

Os conflitos eram constantes principalmente entre a menina de três anos e sua bisavó de mais de oitenta anos, a situação ficou tão insuportável (sic) que a avó da menina decidiu por voltar para seu estado de origem deixando a casa para filha e suas netas.

Neste caso, a avó da menina conseguia perceber a necessidade de um espaço apropriado para a neta (sic), avó e neta eram muito companheiras, durante todo o período de adaptação ao CSSE a avó esteve presente participando inclusive das reuniões mensais. Porém, muitas vezes a mãe da menina se desentendeu com sua própria mãe por acreditar que a menina estava ficando “cheia de vontades” (sic), por causa dos mimos da avó. Dizia também que a menina não respeitava sua própria avó, neste caso bisavó da menina.

Acolher a família em toda sua particularidade somente foi possível a partir do vínculo estabelecido pelo assistente social comprometido em atender a família compreendendo toda a sua complexidade.

## 5.2. Crianças e Famílias

As entrevistas, realizadas com onze responsáveis familiares das crianças atendidas no CSSE possibilitou caracterizar as bases familiares das mesmas.

Para a realização das entrevistas, destaquei critérios que dessem margem de abranger diferentes composições familiares. Foram eles:

- Crianças com irmãos menores.
- Crianças/família que são atendidas desde o início do projeto.
- Crianças criadas ou cuidadas por avós ou tios.
- Crianças/família que foram encaminhadas pelo CSSE para algum atendimento terapêutico.

Logo no início das atividades no Centro Social Semear e Educar no ano de 2008 na reunião de pais e responsáveis tive o cuidado de comunicar aos pais presentes, da realização das entrevistas para a pesquisa de minha dissertação e que necessitaria da colaboração de alguns deles.

Os presentes colocaram-se a disposição acredito que devido ao vínculo que foi criado desde o início do projeto, portanto não encontrei dificuldades na realização das mesmas.

Porém, devido ao fato de se estar no período de férias no CSSE alguns entrevistados tiveram que reorganizar seu tempo disponível. Algumas entrevistas foram realizadas aos sábados ou em horários noturnos para os que trabalham.

Creio na verdade, que o principal desafio foi o fato de usar gravador, muitas mães diziam não gostar de ouvir sua própria voz gravada, mas quiseram continuar a entrevista dessa forma. A todos foi assegurado o sigilo das informações dadas.

Pude perceber que todos os entrevistados sentiram-se valorizados, inclusive se disponibilizando para contatar demais membros da família para serem também entrevistados.

Para resguardar a identidade dos entrevistados criei nomes fictícios para os mesmos, de forma a identificá-los nos registros que apresento. Além disso, organizei em forma de quadro suas características básicas.

**Quadro 2 - Famílias de crianças atendidas no CSSE**

NOME	IDADE	PARENTESCO	Nº DE FILHOS	TEMPO NO CSSE	OBS
Jasmim	25 anos	mãe	03	03 anos	Casada vive na casa dos pais, com 03 filhos e irmãos
Rosa	35 anos	mãe	02	02 anos	Separada vive com as filhas na casa da mãe
Lírio	47 anos	tio	03	03 anos	Tio de Jasmim vive na casa vizinha
Violeta	47 anos	mãe	03	01 ano	Esposa de Girassol vive com esposo e 03 filhos
Girassol	42 anos	pai	03	01 ano	Esposo de Violeta vive com esposa e 03 filhos
Dália	35 anos	tia	01	01 ano	Passa a semana com a irmã e fim de semana vai para casa onde vive com o filho
Azaléia	31 anos	mãe	05	02 anos	Mudou-se para Usina, vive na casa emprestada pela comadre com marido e filhos.
Camélia	35 anos	mãe	02	03 anos	Vive na casa do avô com os filhos
Margarida	33 anos	mãe	04	02 anos	Vive com esposo e os filhos
Flor de Liz	45 anos	mãe e avó	08	04 anos	Vive com os filhos 06 filhos solteiros
Bromélia	75 anos	bisavó	03	03 anos	Vive com a neta e bisneta

Jasmim engravidou ainda adolescente e foi morar com o pai da criança na casa dos pais dele. Teve o apoio da família, com o filho com um ano e meio engravidou novamente. Antes do segundo filho completar um ano teve o terceiro filho. A criança mais velha ficou muito tempo com os avós maternos em Vila Isabel, enquanto ela e os dois filhos menores viviam em outro bairro na casa dos avós paternos. A mãe só via o filho mais velho nos fins de semana.

Rosa veio de outro município após a separação do esposo com quem teve duas filhas. Em Vila Isabel passou a morar na casa da mãe viúva, que cuida da mãe, uma idosa de mais de oitenta anos.

Lírio é solteiro e tio materno de Jasmim. Estava desempregado após o nascimento do primeiro sobrinho neto. Segundo o mesmo optou por não procurar emprego e passou a viver de suas próprias economias para poder ajudar a irmã com os netos depois que o casal resolveu viver definitivamente na casa dos pais de Jasmim, em Vila Isabel.

Violeta casou com Girassol com quem teve três filhos. A mais nova veio após treze anos de intervalo do último filho. O casal não planejava mais ter filhos. A filha caçula fez a família mudar bastante de maneira geral, quanto a gastos e relacionamento.

Dália vive fora do Município e inicialmente viria alguns dias na semana para ajudar a irmã a cuidar das sobrinhas. Atualmente fica de segunda a sexta em Vila Isabel e aos fins de semana vai para casa onde vive com o filho.

Azaléia morava na casa dos pais do marido com seus quatro filhos, onde residiam ainda mais dois cunhados casados e com dois filhos cada. Em 2006, Azaléia mudou-se para outro bairro com o marido e os filhos para morar de aluguel. Este ano devido a problemas financeiros não conseguiu manter o aluguel e vive em casa cedida pela comadre.

Camélia trabalhava fora e os filhos ficavam sob os cuidados da sogra e do avô de Camélia. Atualmente devido a problemas de saúde teve que sair do trabalho. Dedicar-se aos cuidados dos filhos e do avô.

Margarida mora com o marido e os cinco filhos, sendo o mais velho um adolescente com transtornos mentais do primeiro casamento do marido, dois do primeiro casamento de Margarida e as duas filhas caçulas do casal.

Flor de Liz mora em casa cedida pela Prefeitura na Vila Operária com cinco de seus oito filhos. São filhos de relacionamentos diferentes, o pai da mais nova ainda a procura, mas esta optou por não manter vínculo com nenhum dos três genitores.

Bromélia é viúva e mora com a neta recém separada e a bisneta.

Cada criança e cada família traz consigo sua singularidade. O atendimento diário com as crianças e os atendimentos individuais e em grupo com os familiares deram a oportunidade de conhecer mais especificamente cada família.

Percebia que o atendimento às crianças deveria ser de certa maneira individualizado mostrando aos pequenos da necessidade de respeitar as diferenças de cada uma o mesmo acontecia com cada família e seus membros.

Cativar cada pai, cada mãe, cada avó enfim cada membro da família responsável pela criança para que se sentisse parte do CSSE e se sentisse motivado e à vontade para participar das atividades propostas.

Os quatro anos de atendimento e vínculo criado com esses familiares possibilitou, de certa forma, realizar as entrevistas sem maiores transtornos. Percebi que os entrevistados estavam à vontade a proximidade com seus filhos simbolizavam o elo de confiança também sentido pelo familiar e a assistente social.

### **5.3** **Crianças e Famílias e o Centro Social Semear e Educar**

Construir um roteiro de entrevista não é tarefa simples, exige clareza do que se quer alcançar o que se quer conhecer. Nesse sentido as questões foram organizadas de modo a abranger a relação das famílias/crianças em relação às atividades desenvolvidas no CSSE e as mudanças observadas nas próprias crianças e ou nos relacionamentos com elas.

Para apresentação dos resultados, usei duas formas. Primeira, listei as respostas e quantifiquei os achados e em segundo lugar organizei uma série de análises e observações sobre aspectos considerados relevantes.

Assim, observei como respostas mais frequentes o que segue:

1) Porque buscou o Centro Social Semear e Educar?

Não tinha idade escolar

Convívio/contato/confraternização com as outras crianças

● Dos 11 entrevistados:

Cinco responderam que a criança não tinha idade escolar.

Cinco responderam para que os filhos convivessem com demais crianças.

Um respondeu problemas com a filha depois da separação.

Um respondeu atrapalhando os adultos em casa.

Sendo que uma família deu duas justificativas disse que além da idade escolar se aproximar o convívio com outras crianças seria importante para a filha.

2) Como se sente em relação ao atendimento?

Atenção/aconchego para as famílias.

● Dos 11 entrevistados:

Todos afirmaram sentirem-se bem e acolhidos, não somente seus filhos, mas, a família como um todo. Falaram sobre acolhimento, aconchego, laços de amizade.

3) Se não estivesse no Centro Social Semear e Educar onde estaria?

Em casa.

Escola cara/ famílias sem recursos.

● Dos 11 entrevistados:

Dez responderam que as crianças estariam em casa, porque as escolas particulares são caras e a família não tem recursos e para as escolas públicas as crianças não têm idade escolar.

Um disse que a creche é perto do Morro e acha perigoso.

Um disse que a criança estaria em casa por que se sentia insegura e desejava proteger a filha.

Um respondente deu duas justificativas.

4) A equipe auxiliou você e sua família? Sob que aspectos?

Sim. Encaminhamentos.

● Dos 11 entrevistados:

Cinco afirmaram que a equipe auxiliou nos encaminhamentos para recursos da comunidade.

Quatro na educação da família no sentido que cada um pudesse entender as dificuldades vividas pelas crianças e estabelecer regras e limites entre os membros.

Dois falaram do apoio técnico nos atendimentos individuais.

5) Das reuniões de pais e responsáveis. Como se sente.

Falar das crianças/falar de si.

Conhecer as crianças.

● Dos 11 entrevistados:

Nove responderam que nas reuniões podiam saber dos filhos, aprender sobre os filhos, mas também podiam falar de si. Isso ajuda a se conhecerem melhor e conhecer também seus filhos.

Dois não participaram por ter que ficar em casa cuidando das crianças (dois homens)

6) Houve alguma mudança na sua vida e na de sua família a partir de sua participação no Centro Social Semear e Educar?

Ter paciência com os filhos.

Relacionamento entre os membros.

Sobrecarga dos adultos

● Dos 11 entrevistados:

Oito responderam que mudou a relação com a criança atendida no CSSE e demais filhos. Buscam entender e respeitar a individualidade de cada um, tendo paciência e sabendo conversar. O que melhorou foi o relacionamento entre os familiares.

Um respondeu que diminuiu a sobrecarga dos adultos, pois, o tempo que as crianças estão no CSSE pode fazer outras coisas.

Um tomou conhecimento dos problemas do filho e que ele necessitava de acompanhamento neurológico.

Uma mãe falou que teve que separar do filho que ficava sob os cuidados da avó e que isso a fez mudar em relação aos filhos.

7) Como é o seu dia a dia na sua família?

Muito agitado/correria/acelerado.

Tempo para se programar.

● Dos 11 entrevistados:

Nove responderam que é muito agitado. Que são responsáveis pela organização da casa, cuidados com filhos, netos, sobrinhos, levar para escola, médico.

Dois responderam que atualmente encontram mais tempo para se dedicar aos filhos a família e se programarem.

8) De que serviços participam na Comunidade?

Postos de Saúde/Hospitais.

Escolas.

● Dos 11 entrevistados:

Sete responderam que freqüentam o Posto de Saúde do bairro assim como os Hospitais e escolas públicas, inclusive com programas de EJA e pré-vestibular comunitário.

Três que freqüentam somente as escolas públicas.

Um freqüenta a saúde privada. Atualmente o filho paga um plano privado.

9) Que laços familiares construíram a partir do atendimento no Centro Social Semear e Educar?

A maneira de se relacionar com os filhos.

- Dos 11 entrevistados:

Sete afirmaram que melhorou a maneira de se relacionarem com os filhos, atualmente o diálogo entre os membros é valorizado e o espaço da criança nas conversas é respeitado.

Um falou da melhora no relacionamento com a mãe que agora entende seu papel de avó.

Um casal se separou definitivamente, mas mantém uma relação de cordialidade e respeito.

Um consegue enxergar que a criança é especial.

Uma bisavó afirma que o pai não sabe educar o filho e cabe a ela educá-lo.

10) Consegue perceber alguma perspectiva de mudança para a família?

O futuro diferente do próprio filho.

Educação/formação acadêmica.

- Dos onze entrevistados:

Os 11 entrevistados falaram que os filhos, netos, sobrinhos terão um futuro melhor, pois todos estão freqüentando escolas ou encaminhando para isso. E acreditam que os filhos no futuro chegarão à Universidade. Acreditam que o futuro das crianças será diferente do próprio.

Destes entrevistados:

Três estão estudando, um está fazendo pré-vestibular, o outro, terminando o segundo grau e o terceiro fazendo cursos.

Um afirmou que a mudança também significava uma mudança de residência.

11) Enumere em grau de importância na sua vida os itens abaixo:

- ( ) Filhos/netos/sobrinhos
- ( ) Esposo
- ( ) Trabalho
- ( ) Formação dos filhos/netos/sobrinhos
- ( ) Formação pessoal
- ( ) Lazer da família/brincar
- ( ) Lazer pessoal

Filhos/sobrinhos/netos/bisnetos.

São tudo na nossa vida.

● Dos 11 entrevistados:

Todos responderam que em primeiro lugar estão as crianças, sejam os filhos, netos ou sobrinhos, em seguida a formação destes. Ao falarem de si disseram da formação pessoal como importante para ter um bom trabalho.

Quanto ao lazer somente dois responderam que tem lazer pessoal sem a companhia dos filhos, os demais afirmaram que seu lazer está condicionado ao prazer da família. Todos afirmaram da importância de terem momentos de lazer com as crianças da família.

Dos onze apenas dois sinalizaram o companheiro/a em 2º lugar os demais membros em último.

A construção das informações, aquelas que permitem a descrição dos variados aspectos da interação das famílias, crianças e equipe do CSSE foram registrados, tanto no momento da aplicação das entrevistas, quanto durante o seu processo de sistematização como um todo, disso aproveitei também fragmentos de relatórios e documentos gerais da instituição. Além disso, a significação dos achados está baseado no referencial teórico adotado.

Como se pode observar início esta reflexão com a citação de Isak Dinesen pseudônimo com o qual ficou conhecida e escritora dinamarquesa Karen

Christence Von Blixen-Finecke (17/04/1885 – 07/09/1962) <sup>3</sup>, que abre o V capítulo ‘ Ação’ da obra ‘A Condição Humana’ de Hannah Arendt. É por este caminho que pretendo seguir.

Sendo assim é a história de pessoas que eu quero contar, nas relações humanas.

Ao longo de quatro anos fui conhecendo aquelas famílias, porém, não bastava saber quem eram elas, mas o que essas famílias pensavam de si e de suas ações. Isso somente seria possível quando elas se revelassem a si próprias e aos outros na sua diversidade.

A pluralidade humana é condição básica da ação e do discurso, segundo, Arendt:

“Há grande semelhança entre esta frustração e a notória impossibilidade filosófica de se chegar a uma definição do homem, uma vez que todas as definições são determinações ou interpretações do *que* o homem é e, portanto, de qualidade que ele possa ter em comum com os outros seres vivos, enquanto sua diferença específica teria que ser encontrada determinando-se que tipo de ‘*quem*’ ele é” (2007:194).

A identidade se revela na ação e no discurso estabelecendo assim possibilidade de novas iniciativas. Encontrei em alguns trechos das entrevistas com os familiares o que falam, o que sentem e como se sentem em relação aos filhos, e como se sentem nas reuniões e nos atendimentos no CSSE.

“É o momento da gente falar deles e falar da gente também... conversar com as outras mães” (Jasmim).

“Me sinto muito à vontade de vir.Gosto. Acho construtivo. Aprendo, aprendo a lidar com os defeitos, meus e dela” (Rosa).

“Me sinto muito bem, tenho até um laço de amizade muito bom”(Lírio).

---

<sup>3</sup> [www.http://pt.wikipedia.org/wiki/Karen\\_Blixen](http://pt.wikipedia.org/wiki/Karen_Blixen)

“Eu mudei muito, porque a gente não estava preparada. Eu estava a ponto de pedir ajuda, um socorro a alguém, eu estava até procurando, esperando uma oportunidade pra vir conversar com você porque tava demais...” (Violeta).

“Olha eu me considero um pai legal, eu não vou dizer bom, porque eu acho que seria exagero da minha parte, mas um legal, entre o bom e o ótimo legal” (Girassol).

Quanto à educação o que observo é que as crianças quando iniciam as atividades no CSSE não estão inseridas na rede pública de ensino, estando longe de se beneficiarem da Política de Educação.

O Censo Escolar do Município referente aos anos de 2001 a 2003 constatou que mesmo não sendo obrigatório o número de crianças matriculados na educação infantil está aumentando, só passou a ser obrigatório a partir de 2006 com a aprovação da Política Nacional de Educação Infantil (PNEI).

“Segundo dados da Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2003, apenas 37,7% do total de crianças com idade entre 0 e 6 anos freqüentam uma instituição de Educação Infantil ou de Ensino Fundamental. Quando considerada a população de 4 a 6 anos, a taxa de freqüência à instituição é de 68,4%; e, quanto à população de 0 a 3 anos, esse percentual é de apenas 11,7%. Setenta e dois por cento desse atendimento encontra-se na rede pública, concentrando-se de maneira relevante no sistema municipal (66,97%), em função da maior pressão da demanda sobre a esfera que está a mais próxima das famílias e em decorrência da responsabilidade constitucional dos municípios com relação a esse nível educacional” (2006:06).

No entanto, o que verifiquei entre as famílias entrevistadas, foi a grande dificuldade em matricular seus filhos na rede pública de ensino. Segundo a PNEI a educação infantil assumiu no âmbito da atuação estadual diferentes funções, ora

assistencialista, ora de caráter compensatório e ora, um caráter educacional nas ações desenvolvidas.

“Desde suas origens, as modalidades de educação das crianças eram criadas e organizadas para atender a objetivos e a camadas sociais diferenciadas: as creches concentravam-se predominantemente na educação da população de baixo poder econômico, enquanto as pré-escolas eram organizadas, principalmente, para os filhos da classe média e alta. Embora as creches não atendessem exclusivamente a crianças de 0 a 3 anos e as pré-escolas na fossem apenas para as crianças de 4 a 6 anos, é importante ressaltar que, historicamente, essas duas faixas etárias foram também tratadas de modo distinto” (PNEI, 2006:06).

O papel do CSSE é justamente fazer com que as famílias valorizem a educação das crianças e que compreendam que o espaço educativo deve ser seguro, que inspire confiança nas famílias e realmente desenvolva o potencial de cada um. Que as famílias saibam que a Educação Infantil é direito da criança.

Veja-se algumas situações no CSSE em relação à Educação Infantil:

● Idade escolar – questões burocráticas:

“Não tinha idade para ir para a escola ainda. Com uma irmãzinha pequena também. Aí foi justamente para ocupar o tempo dele, foi até minha mãe que descobriu aqui. Ela viu, achou super legal. Viu as crianças brincando, ele ficou um pouquinho assim, sentou, e ele gostou também. Você quer voltar? Ele quis voltar.

Aí minha mãe colocou ele aqui. Também por causa do tempo, pra ele ficar um tempo aqui e ter contato com outras crianças... É isso” (Jasmim. Mãe de 03 crianças)

“Da idade do T., por exemplo, com certeza estaria em casa, por que em creche, creche é bem provável que não... pra que pra conseguir... a não ser por muita sorte, conseguir uma pública, apesar de ter conseguido uma vez pro P. quando ele era pequenininho e a irmã era bebê. Era perto do morro. Ficou pouquíssimo tempo, e acabou logo com a história por que não dava” (Jasmim. Mãe de três crianças).

- Idade escolar - socialização da criança:

“Não podia deixar a G. sozinha, então eu vim em busca desse lugar aqui, porque me informaram que era muito bom para as crianças. O período que ela estivesse aqui para conviver até com as outras crianças aprender a compartilhar as coisas” (Violeta. Mãe de três filhos, dois adolescentes e uma criança).

- Idade escolar e as crianças ‘atrapalhando’ os adultos da família:

“A princípio porque os pais trabalhavam e eles estavam atrapalhando um pouco as coisas que nós tínhamos para fazer dentro de casa. Aí o Centro Social apareceu a princípio para dar essa força e até ajudou mais em termo de educação até no caso da família mesmo ensinou muitas coisas como lidar com as crianças, com os problemas do dia-a-dia e melhorou muito” (Lírio, tio).

O processo de urbanização do país e a maior participação da mulher no mercado de trabalho, nas décadas de 1970 e 1980, levou a uma expansão do atendimento educacional. Principalmente nas faixas etárias de quatro a seis e em seguida de zero a três anos. No entanto, segundo a PNEI, fatores como pressões da demanda, urgência no atendimento, omissão da legislação educacional vigente, desvirtuaram o foco das instituições de Educação Infantil.

Lê-se:

“... a difusão da ideologia da educação como compensação de carências e a insuficiência de recursos financeiros levaram as instituições de Educação Infantil a se expandirem ‘fora’ dos sistemas de ensino. Difundiram-se ‘formas alternativas de atendimento’ onde inexistiam critérios básicos relativos à infraestrutura e à escolaridade das pessoas que lidavam diretamente com as crianças, em geral mulheres, sem formação específica, chamadas de crecheiras, pajens, babás, auxiliares, etc.” (PNEI, 2006:08).

Os representantes das famílias atendidas disseram:

“Eu me sinto bem, me sinto segura, em saber que eu posso deixar minha filha aqui e ir para casa tranqüila ou mesmo para trabalhar, ou fazer o que eu possa fazer. Eu sei que ela vai estar aqui e tem pessoas qualificadas cuidando dela. Pessoas que a amam eu vejo que vocês amam a minha filha, não só a minha filha, mas todas as crianças. É bem cuidada, tanto que pra criança em si na idade dela se ela fosse maltratada, ou sentisse alguma coisa, ela não queria mais nem vir aqui, porque na idade dela as crianças são muito assim, qualquer coisa que a gente faz com a criança ela já rejeita, não quer mais saber, e ela se sente feliz” (Violeta,. mãe de três filhos, dois adolescentes e uma criança).

“Eu achava muito bom todo mundo tratava a gente muito bem, dava atenção. Sempre chamava a gente para conversar. As mães que não podiam vir vocês iam na casa da gente. Sempre faziam coisas que era bom para as crianças e explicavam para gente tudo que estava acontecendo. Todo mundo tratava as crianças com carinho a T. no começo não queria ficar aqui, chorava muito e vocês conversavam com ela comigo e esperaram até que ela parasse de chorar” (Flor de Liz, mãe e avó ).

“Provavelmente em casa. A princípio, eu estou falando por mim, eu não tenho confiança em deixar essas crianças aqui pela rua, que realmente não vão aprender nada de bom, então a tendência como eles não têm idade escolar e eles ficarem em casa vendo televisão brincando, na rua jamais” (Lírio, tio).

A questão financeira tem peso fundamental, muitos entrevistados afirmaram que algumas vezes buscaram informações entre as escolas particulares de bairro e disseram que as mensalidades cobradas eram muito caras.

O tema escola pública sempre tem estado presente nas reuniões mensais do CSSE, muitos pais têm consciência da precariedade do sistema de ensino. Nas reuniões se fala da responsabilidade dos gestores dos serviços públicos, mas também da responsabilidade dos familiares quanto cidadão no cumprimento de seu papel. Não somente para cobrar uma escola pública de qualidade, mas

também em matricular as crianças e comprometer-se com a frequência e permanência das mesmas na escola.

“Em casa. Ela não tinha idade ainda para ir para a escola e eu e o pai não tínhamos dinheiro para botar em escola particular. De graça por aqui não tinha outro lugar. Tinha a creche, mas, na creche eu não tinha coragem, ela é lá em cima no Morro do Macaco nem pensar, prefiro ficar com eles em casa. Eu tenho medo, nunca botei nenhum dos meus filhos lá. Minha prima a mãe da J. que foi daqui, que tem a netinha T. filha da M, é de lá, mas eu sou muito medrosa. Então dei graças a Deus quando teve isso aqui” (Azaléia, mãe de cinco filhos).

“Para ser sincera em casa. Até ela completar os 06 anos. Por que pelo meu jeito de ser com a R. eu não tinha coragem de botar em uma escola assim, eu tinha que protegê-la. Entendeu e aqui eu comecei a me sentir segura” (Margarida, 04 filhos).

Quanto ao Serviço Social (na experiência da Assistente Social) o que evidenciou ao iniciarem-se as atividades no CSSE, em abril de 2004, é que as famílias esperavam ser beneficiadas com cestas básicas ou outra espécie de benefício desse gênero. Elas eram informadas sobre as propostas do Centro, mas, insistiam em contar com uma resposta material às suas necessidades.

Sabia dessa expectativa, mas oferecia um espaço, onde pudessem verbalizar e debater como enfrentar as próprias necessidades materiais. Nesse contexto comecei a realizar reuniões com aquelas que inscreveram suas crianças no Projeto, para que pudessem partilhar entre si e com os demais familiares, suas expectativas em relação a seus filhos no presente e no futuro.

Após seguidas reuniões fui notando uma mudança na postura dessas famílias. Nos encontros, onde a participação feminina é a maioria, elas são informadas da evolução de seus filhos e sobre a importância do brincar na primeira infância para valorizar a criança como ser em formação.

As famílias são convidadas periodicamente para acompanharem o desenvolvimento de suas crianças no espaço ou sempre que alguma situação

específica chame a atenção, tal como: agressividade ou silêncio excessivo das mesmas durante as atividades pedagógicas. Nessas circunstâncias me coloco à disposição para auxiliá-las na compreensão do que está acontecendo e colaborar nas mudanças que se propõe.

Notei que no decorrer do tempo, lendo os relatórios das famílias que chegam ao CSSE, as genitoras se queixam de agressividade excessiva por parte de seus filhos na convivência com eles e demais membros da família. Após entrevista inicial com o adulto (mãe, pai, avós, tios) responsável diretamente pela criança, ela passa por um período de adaptação e, em seguida, é inserida no grupo com as demais crianças.

As atividades ocorridas (de segunda a quinta-feira) oferecem um ambiente saudável e seguro para as crianças desenvolverem-se em plenitude, visando à construção de seu caráter e auto-estima. Aos poucos as crianças percebem que o CSSE é um lugar criado especialmente para cada uma delas. Elas são respeitadas em suas potencialidades e em seus limites.

O ambiente familiar de algumas pouco ou nada favorece ao crescimento harmonioso das crianças. Pode verificar nas visitas domiciliares que, devido o mal aproveitamento dos espaços físicos das residências ou mesmo a ausência de um espaço, as crianças não tem um lugar próprio para elas. Notei que aos poucos os familiares (participantes) percebem o prejuízo que isto pode causar a saúde física e mental das crianças e a sua própria.

Segundo Aberastury:

“A destruição e a desordem lhe produzem angústia e surge o interesse pela limpeza e pela ordem. Precisam ver que algumas coisas são substituídas e neste período dá mais prazer à criança tornar a ver um brinquedo que foi consertado do que receber um novo. A luta contra as tendências destruidoras começa a mostrar-se ativa” (1992:59).

As crianças mostram sentir prazer em estar no Centro. Cada cantinho, cada brinquedo foi criado especialmente para elas. Isso faz com que se sintam protegidas e à vontade para externalizar suas angústias e emoções, experienciar, resolver situações difíceis com seus companheiros criando certa resiliência.

Elas se sentem à vontade para falar de suas relações familiares. Ao se planejar as atividades diárias em conjunto tem-se o cuidado de permitir que a criança fale sobre suas vivências.

Por exemplo, às segundas-feiras durante as atividades da “rodinha” comenta-se sobre o fim de semana e seus acontecimentos. Em geral as crianças reclamam de seus, irmãos, avós, enfim as pessoas com quem convivem. De certa maneira as “reclamações” vêm em forma de desabafo.

As crianças quando são capazes de verbalizar seus anseios, frustrações e decepções em relação aos adultos com quem convivem sem restrições elas podem se tornar adultos mais fortalecidos. Podem partilhar com seus familiares suas conquistas. Heloiza Szymanski (2007) cita Merleau-Ponty quando descreve o desenvolvimento das crianças e o vê como um fenômeno positivo.

“Esse autor nos chama a atenção para a criança como um fenômeno positivo. A criança não é um adulto inacabado, imperfeito. Um exemplo desse pensamento aparece em afirmações do tipo ‘a criança não tem atenção concentrada’, ‘não simboliza adequadamente’, ‘ não classifica’, etc. Tais proposições refletem um pensamento etnocêntrico, ‘adultocêntrico’. A diferença entre o pensamento adulto e o infantil não deve nos impedir de ver o sentido positivo que nele se encerra” (2007:55).

Aos poucos fica registrado nos documentos, as famílias vão percebendo mudanças favoráveis em seus filhos (sic). As visitas domiciliares, repito, ajudam a profissional a perceber a dinâmica familiar. Certa vez uma mãe referia-se a filha mais nova como alguém rebelde e que gritava demais. Com a visita notou-se que a criança convivia com a bisavó materna que é surda, de maneira que todos

gritavam dentro de casa e essa era a única maneira dos familiares comunicarem-se. A criança apenas copiava o que via.

Os ‘desabafos’ não vêm somente de forma verbalizada nas rodinhas semanais, nas brincadeiras livres e nos desenhos dirigidos as crianças, mas também em gestos e atitudes reveladoras das relações entre pais e filhos. Veja-se um relato: Certa vez no Parquinho a criança ao ser contrariada pelo coleguinha no escorrega deu-lhe um tapa no rosto e disse ‘para você aprender’. Ao ser chamada atenção pela educadora a criança pareceu surpresa e momentos depois se dirigiu ao coleguinha desculpando-se.

Ao chamar atenção da criança à educadora fez um esforço para que esta entendesse que sua atitude não era adequada e que seu coleguinha estava magoado com o que fizera. Não foi difícil perceber que aquela era uma atitude tomada em casa por seus pais, pois em reunião a mãe afirmou que costumava dar ‘palmadas’ na filha (sic).

O exemplo mostra uma reprodução das atitudes vivenciadas pelas crianças em seus lares. As crianças são expostas a situações que podem desencadear conflitos, reproduzindo atitudes de violência e de intolerância com as demais crianças e adultos. Mais uma vez Szymanski diz:

“Merleau-Ponty faz a ressalva, referindo-se a insuficiência percepto-motora da criança, e ninguém deixaria de considerar a necessidade de transmitir-lhe a herança cultural. Apenas é necessário ressaltar que, na positividade, supera-se a visão de que o modo adulto de expressar-se, de compreender e interpretar o mundo é o único ‘verdadeiro’. O mesmo vale para a consideração das diferenças de classes sociais e de culturas” (2007:56).

Ao longo dos atendimentos percebi que as famílias vivenciam experiências com seus filhos onde com frequência usam expressões do tipo ‘apanhei muito

quando criança e estou aqui'. As situações de violência e constrangimentos vivenciadas na infância são repetidas e apagadas da angústia e dor que sofreram.

O que busco nas reuniões, atendimentos e visitas domiciliares é tentar que os adultos familiares das crianças possam também falar dessas experiências e dos momentos que ficaram tristes e de como pensam que seus filhos se sentem nas mesmas situações.

Aos poucos percebi mudanças consideráveis no relacionamento entre crianças e adultos. Os adultos vão percebendo o prazer e a alegria em ter maior contato com as crianças da sua família e que momentos de brincar de ouvir e de silenciar, devem ser respeitados como algo desejável de ser compartilhado.

Durante as visitas domiciliares tento entender as relações familiares repito, e possibilitar o melhor convívio entre crianças e adultos. Por exemplo, se há pouco espaço na casa para a criança, comento sobre possibilidades viáveis, por exemplo, para que os brinquedos não fiquem espalhados pela casa, atrapalhando os mais velhos, para que não se machuquem com os brinquedos espalhados pela casa.

As relações entre avós e netos em geral são mais 'amigáveis' que entre pais e filhos. As avós tornam-se mediadoras entre os conflitos de pais e filhos sejam estes crianças ou adolescentes. Nos encontros de avós (e outros participantes) realizados no CSSE, as crianças aprenderam as brincadeiras da infância dos mais velhos e estes a exercitarem novas interlocuções com elas.

Em visita domiciliar em uma casa, li no relatório: ouviu-se de uma avó que costumeiramente acordava todas as manhãs bem cedo e, vendo que seu neto mais novo (um bebê de pouco mais de um ano), já estava acordado, para evitar que este acordasse os demais adultos da família, o levava a um parquinho que ficava próximo a casa.

Ela afirmava que costumava levar todos os seus filhos a esse local para brincar, quando estes eram crianças, e sentia ser importante em fazer o mesmo com seus netos. Duas dessas crianças, netas dessa senhora, participam do Centro desde sua implantação. Observo que apesar da simplicidade da vida que levam, as crianças são criativas e emocionalmente saudáveis.

Durante as reuniões com os familiares são levadas para a pauta situações vivenciadas pelas crianças no Centro Social. Situações de brigas entre as crianças

e de como cada uma delas se relaciona e reage diante das mesmas resolvendo-as bem. Faz-se isso com objetivo de mostrar aos seus familiares que seus filhos, sobrinhos e netos são capazes de relacionarem-se maneira favorável e administrar suas dificuldades fazendo uso da palavra.

O Assistente Social possui papel de mediador seja nas relações familiares seja em relação aos serviços públicos ou da sociedade.

Os participantes do CSSE desconhecem os caminhos para acessar serviços ou políticas sociais e públicas. Segundo Iamamoto “pensar o Serviço Social na contemporaneidade requer olhos abertos para o mundo contemporâneo para decifrá-lo e participar da sua recriação”, decifrar a realidade é possibilitar a construção de propostas de trabalhos criativos e capazes na preservação e efetivação de direitos.

Segundo Iamamoto (2006) a ação do Assistente Social é a de um profissional que tem competência para propor, negociar, apreender o movimento da realidade detectando tendências e possibilidades passíveis de serem impulsionadas em favor dos sujeitos.

De acordo com Iamamoto:

“Nesses novos tempos, em que se constata a retração do Estado no campo das políticas sociais, amplia-se a transferência de responsabilidades para a sociedade civil no campo da prestação de serviços sociais. Esta vem se traduzindo, por um lado, em um *crescimento de parcerias do estado com Organizações Não – Governamentais*, que atuam na formulação gestão e avaliação de programas e projetos sociais em áreas como família, habitação, criança e adolescentes, educação, violência e relações de gênero etc.” (2005:126).

A continuidade do projeto junto à comunidade possibilita a criação de vínculos entre o profissional e seus participantes. Conhecer a realidade local e os serviços públicos que a comunidade oferece facilita a intervenção profissional e os encaminhamentos da demanda que surge.

A maioria das famílias atendidas no CSSE desconhecia os serviços oferecidos pelos órgãos públicos. A partir do momento que o profissional passa a

conhecer a realidade das famílias pode assim encaminhá-los para os serviços que eles necessitam e debater com elas seus direitos.

Por exemplo, uma mãe que dizia que o filho era ‘distraído’ (sic), afirmava que o filho era igual a ela. Esta situação era confirmada pela avó materna da criança. No CSSE, percebeu-se que o menino não correspondia aos estímulos pedagógicos próprios da idade. Após reunião de equipe levantou-se a hipótese de dificuldade de visão. O assistente social explicou essa possibilidade e a criança foi encaminhada para avaliação de um oftalmologista de hospital público que diagnosticou cinco graus de miopia. Após o uso dos óculos a criança teve um salto qualitativo considerável e a família passou a considerar melhor as observações de seu filho e neto.

Tive outra situação que a professora de determinada escola em conversa com a família sinalizou que a criança necessitava usar óculos, pois o menino sempre dizia ver estrelas coloridas. A própria escola deu um encaminhamento e o pai levou a criança em três Postos de Saúde da Prefeitura sem conseguir atendimento. Com a intervenção da assistente social e após contato com o Serviço Social de um Hospital conveniado ao SUS, essa mãe e seu filho tiveram sua avaliação médica, que diagnosticou não haver nenhum problema visual na criança. De um lado a família ficou mais tranqüila, de outro descobriu que o menino impressionado com as histórias mágicas referia-se às mesmas nas suas brincadeiras, para chamar atenção.

Tais situações mostram a importância do acolhimento, da escuta da queixa na parte do assistente social junto à família e a necessidade constante de conhecimentos dos recursos da comunidade.

“Quando deram o encaminhamento para pegar um Neuro, eu tenho até hoje esse papel e para o J. o meu outro filho que vocês me deram um encaminhamento para procurar um Dermatologista no Fundão. E o R. para a Casa Rio Azul para procurar o Psicólogo para ele. Ajudou muito, tanto é que meu filho faz até hoje atendimento neurológico no Hospital São Zacharias, que em termos foi através daqui” (Camélia, mãe de dois filhos).

“Sim, eu lembro que vocês sempre buscavam saber informações sobre a saúde das crianças, vacinas, dentistas. Vocês sempre perguntavam sobre o umbigo da S., que era uma coisa que mexia muito com a auto-estima dela. E que vocês procuravam saber o que as crianças estavam precisando de alguma coisa para poder encaminhar. Só que para mim é muito difícil porque é muita criança para tomar conta e eu sou sozinha, e eu não gosto de deixar meus filhos com os parentes do meu marido, e eu ainda não consegui marcar a cirurgia da S” (Azaléia, mãe de cinco filhos).

“Auxiliou muito. Nossa família. Encaminhou o médico, a psicóloga atendeu aqui, depois encaminhou para outro lugar, dentista das crianças, escola. Meu filho mais velho o T. ele tem problema e vocês sempre conversavam comigo sobre ele, não era só para a T. e J. era também para meus outros filhos” (Flor de Liz, mãe e avó, oito filhos).

“Sim, de várias maneiras. Uma delas é que até hoje a R. faz atendimento com a Fono. E isso é muito bom. Meu outro filho D., o filho do R. ficava em casa não fazia nada. Vocês ajudaram e nós conseguimos médico para ele e ele faz tratamento até hoje. Brinca com as crianças, porque antes ele só ficava no mundinho dele. Joga bola com irmãos. A R. ficou muito independente se relacionando melhor com os irmãos. Depois quando ela foi para a escola se adaptou bem. Tá mais tranqüila, organizada com as coisas dela, cuidadosa. Ajuda nas tarefas da casa junto com as irmãs” (Margarida, mãe de quatro filhos).

No Posto de Saúde as crianças estão fazendo o tratamento há dentista. Já fizeram na Pediatria, quando eram pequenininhos. O J. V. tá na SIDEPE, mas é outra coisa. O J. V. tá na escola. É isso. No Posto de Saúde. Já fui para mim sim. Dermatologista. O dermatologista foi bom que eu até saí com o remédio de lá (Jasmim, mãe de três filhos).

Segundo, Sawaia (2007) a família aparece e desaparece das teorias sociais e humanas, ela é algumas vezes enaltecida, outras até demonizada. Sawaia para discorrer sobre essa situação embasa seu pensamento citando Hannah Arendt quando a filósofa mostra a cisão promovida na Grécia antiga entre a esfera pública e a esfera privada concebendo ‘intimidade como esfera do labor, do feminino, da escravidão às necessidades de sobrevivência do organismo, enquanto o espaço público é a esfera das relações livres’.

Mas ela ressalta:

“... demonstrando que a família perdia gradativamente suas funções clássicas de cuidar e educar. Só recebia atenção nos debates sobre controle da natalidade ou para delinear a composição da unidade doméstica. Todavia, as tentativas e as previsões sobre o seu desaparecimento não deram certo. Ela continua sendo, para o bem ou para mal, a mediação entre o indivíduo e a sociedade. E mais, assiste-se hoje ao enaltecimento dessa instituição, que é festejada e está em evidência nas políticas públicas, e é desejada pelos jovens” (2007:41).

De verdade as previsões sobre o desaparecimento da família não deram certo, a família permanece firme e continua sendo desejo dos jovens. Cabe ao Assistente Social acolher e compreender seus membros e auxiliar quando solicitado contribuindo com seus conhecimentos que devem sempre ser atualizados. Nesse aspecto a comunidade acadêmica desempenha papel fundamental na busca por estudos que visem compreender essa ‘nova-velha’ família.

Tão importante quanto à academia é a possibilidade de o profissional conhecer mais profundamente as famílias com quem atua. Desde 2003 quando foram iniciadas as atividades no CSSE buscou-se estar inserido na vida diária da comunidade.

Dentro das atividades do Centro Social sempre são comemoradas datas festivas e também os aniversários das crianças. Com objetivo de estreitar os laços são convidados membros da família para celebrar esses momentos, especialmente o dia do aniversário. A criança e a família sentem-se valorizadas.

Fato interessante é que as famílias nos tempos atuais costumam convidar a equipe para ir a suas casas para festejar com eles o aniversário das crianças. Na medida do possível a equipe costuma estar presente o que enche de alegria principalmente a criança. Considero que esta é uma maneira de aproximação com a família estreitando os laços não somente com a criança, mas também, com os demais membros da família.

Quanto à presença dos familiares no CSSE, ouviu-se:

“Me sinto muito à vontade de vir. Gosto. Acho construtivo. Aprendo, aprendo a lidar com os defeitos, meus e dela. Muita coisa, principalmente na educação dela. O jeito dela, meu jeito de tratá-la, tudo, teve mudança muita mudança. O tempo que ela está aqui só ajudou só me ajudou. Passei a ter mais paciência com a K., passei a ouvir mais a K. na minha família você sabe é muito problema na cabeça, analisar né? Ouvir e analisar e fazer o certo. Isso tudo me influenciou, isso tudo me ajudou aqui. Ela era muito rebelde. K. melhorou, não tenho o que reclamar. Só coisa boa” (Rosa, mãe de dois filhos).

“Eu venho porque eu me sinto à vontade, eu acho que vai partir de mim. Eu acho importante a gente quando tem um filho em qualquer lugar numa escola, eu nunca deixei de participar de nenhuma reunião dos meus filhos a não ser que eu não pudesse mesmo de jeito nenhum, assim mais, eu sempre participei porque eu acho que é importante para o crescimento da criança para ela ver que a gente dá importância, não é só chegar e deixar aqui e ir embora, eu acho que a gente tem que ajudar e a mim ajuda como a mãe, é estar junto” (Violeta, mãe de três filhos).

“Eu participava. Eu achava bom que vocês falavam e explicavam tudinho o que estava acontecendo com os nossos filhos. Eu gostava de vir por que aí a gente ficava sabendo o que as crianças faziam. Ficava por dentro. Eu sentia que era importante. Via que era coisa boa” (Flor de Liz, mãe e avó).

“As reuniões eram muito boas. Eu me sentia em família para conversar sobre meus filhos. A equipe toda, os outros pais, eu me sentia muito bem. Todos os pais juntos isso dava muita tranquilidade para os pais” (Margarida, mãe, quatro filhos).

A assistente social busca atuar de maneira acolhedora e reflexiva seja no atendimento individual, seja nas reuniões de grupo avaliando limites e possibilidades. O núcleo familiar precisa de apoio para enfrentar a correria do dia a dia, a prole numerosa, as muitas obrigações.

Sawaia diz:

“As emoções tristes sustentam governos ditatoriais. O medo do castigo, a esperança de recompensa e de usufruir migalhas do poder, a humilhação, o revanchismo, o ódio são paixões tristes que servem ao Estado e às religiões. É por meio delas e da superstição que o indivíduo se submete aos desejos e às vontades alheias, inibindo a sua própria capacidade de agir e pensar livremente. Ao sermos afetados por paixões tristes, passamos a nos guiar pelas idéias dos outros e a clamar por uma ordem heteronômica que nos salve da obrigação de nos comandarmos por nós mesmos” (2007:47-48).

Segundo, Sarti (2007), a sobrevivência dos grupos domésticos especialmente das mulheres chefes de família é possível através da mobilização de uma rede familiar que ultrapassa os limites da casa, na impossibilidade delas exercerem os papéis de *‘mãe-esposa-dona de casa’*, a contento os transferirem para outras mulheres.

“Eu tenho um dia muito agitado, agitado demais por causa dos meus filhos. Levar para a escola, trabalhar em casa, levar para médico tudo. Tudo sou eu, não tenho ninguém, e eu e eu mesma. E agora que moro mais longe, são cinco crianças para levar para escola, levar ao médico, cuidar em casa. Não tenho parentes morando perto de casa e lá eu tenho mais medo ainda. Aqui eles já estavam acostumados com tudo, tem os primos, os tios, a avó. Os parentes do meu marido, lá eu não confio em ninguém para deixar eles. Meus filhos não se adaptaram lá, eles querem ficar aqui direto. Lá eles ficam dentro de casa. Eles acordam às 09 horas, tomam o banho deles se arrumam, 10 e meia 11 horas eles almoçam e vem para escola. Aí depois só chegam em casa à noite. É muito cansativo para eles, mas em casa ainda brincam e depois vão dormir” (Azaléia, mãe de cinco filhos).

“Meu dia a dia é uma luta. Eles são pequenos então eu tenho que levar e buscar na escola que é lá no Maracanã eu vou e volto caminhando a pé. Depois eu volto preparo o café para os outros e tenho que começar a preparar o almoço porque tem os que estudam de tarde e tem ainda as minhas netinhas que as mães delas trabalham e eu que tomo conta, é uma de 1 ano e

outra de cinco meses. É uma correria de lá para cá com essas crianças. Quando só era a T. e o J. eu trabalhava, fazia uma faxina, uma roupa para passar ou lavar, agora com os netos e estudando fica mais difícil trabalhar. Agora são três pequenos, as netinhas, de tarde ficam cinco em casa, J. e T. o C. que é neto e as duas netinhas e R. e L. vão para escola à tarde. Minha correria é pela manhã porque de tarde eles não fazem nada” (Flor de Liz, mãe e avó).

“Eu trabalho. Eu acordo cedo, acordo 05h30min da manhã, vou caminhar, porque se não eu não agüento, vou caminhar e chego 07h00min e começo a fazer o almoço porque eu trabalho com quentinhas. Sirvo tudo e quando dá 1 hora, vou para uma lojinha que eu tenho ali na Gonzaga Bastos e fico até às 06h00min da tarde. Nesse meio tempo, assim na hora do almoço, eu coloco a K. pra escola, de manhã eu trago ela pra cá, na hora do almoço eu dou banho almoço e levo para outra escola, da escola que eu vou para outra loja só volto...” (Rosa, mãe de dois filhos).

Algumas vezes a ajuda é de outros membros, como por exemplo, do irmão da avó, como se lê a seguir:

“Mudança em termos de tempo. Tinha muita coisa que nós deixamos de fazer por termos as crianças em casa. Eu, a avó, a mãe também, os pais. E o tempo acaba curto. No meu caso eu precisava de tempo, a princípio eu não estou trabalhando, tinha muita coisa do tipo fazer inscrição aqui, fazer um curso. Mas, para ajudar a família, que realmente não dava como estava até eu poderia me afastar, mas vendo o que acontecia eu deixei de fazer muita coisa, no sentido profissional meu, depois que ele entrou no CSSE pude fazer muita coisa. Minha irmã já estava sobrecarregada, de vez em quando eu escutava um grito “sai daí”, aí muita coisa deixei de fazer sem avisar. Já pegava as crianças, por que o estresse poderia levá-los a fazer alguma coisa que não devia em termos de violência mesmo, porque às vezes você não se controla tá, aí pegava para sair e deixava o que eu tinha para fazer de lado...” (Lírio, tio).

“É sempre uma correria. Levantar de manhã, fazer café, botar dois no colégio. Depois voltar para casa, fazer o almoço, cuidar do D. Cuidar da casa. E agora eu tenho o meu trabalho, consegui voltar a estudar e agora estou fazendo pré-vestibular.

Eu quero fazer faculdade de Administração. Então fica mais corrido um pouquinho. Eu tenho a ajuda do meu esposo” (Margarida, mãe, quatro filhos).

A Assistente Social que atua no CSSE procura desenvolver a escuta atenta para que as questões relacionais trazidas pelas famílias, principalmente nas reuniões mensais com pais e responsáveis possam ser revistas, polemizadas ou recriadas. Veja-se em Ferreira e Gomes Almeida (2007) o que considera em relação ao trabalho com famílias:

“As relações familiares e sociais são priorizadas nesse contexto. Diante das histórias narradas pelos representantes das famílias, o grupo realiza a escuta, a reflexão, dialoga e troca experiências. Possibilita-se, assim, a criação de um espaço de comunicação e aprendizagem em que é possível, para cada membro, enxergar a si, sua família e seus pares em seus diferentes ciclos de vida e diante das questões sociais que os afligem. Com isso recriam novas histórias...” (2007:132).

Novamente vale recorrer às falas registradas nas entrevistas que realizei.

Nas relações entre mãe e filha, mãe e avó da criança atendida:

“Eu acho que ajudou sim, principalmente em relação a minha mãe, no papel de avó, mudou assim. Ajudou muito a melhorar até aí, ela tava achando que era só avó. Até que um dia caiu a ficha, que ela tinha também que às vezes deixar que a mãe resolvesse, isso atrapalha pra caramba. Pra criança. Fica confusa em saber quem escutar” (Jasmim. Mãe, três filhos).

Na relação da mãe e filhas, depois que a avó da criança mudou:

“Mudou. No momento tá, eu e minhas filhas só... Mamãe já está fora tem oito meses. Tá em Minas. Eu to sozinha. Tem isso também o tempo que eu to mais sozinha com elas eu to prestando mais atenção, eu que estou educando eu estou mais perto, não tem mais gente mandando, porque muita gente mandando em uma pessoa só... Confunde até a cabeça delas. Eu acho que isso também melhorou... por eu estar sozinha com as duas” (Rosa, mãe de duas filhas).

Na relação do pai com os filhos a partir do olhar do tio materno:

“Acho que a única mudança que teve foi em relação a isso, principalmente o lado do pai, que ele era mais estressado. Então quando ele chegava em casa, nada né. Hoje em dia ele melhorou muito, ele chega e dá até um pouco de carinho. Inclusive o filho espera ele chegar para pedir para ele andar de bicicleta e ele vai sem reclamar. Antes nem pensar, e isso melhorou muito, como eu tinha dito antes até em função das crianças levarem um pouco de afetividade para ele, que parecia que ele era mais carente que as crianças e ele retribui” (Lírio, tio).

Na relação da mãe com a filha adolescente:

“Não, acho que melhorou, até assim minha postura com a J. Eu aprendi muito aqui ouvindo uma mãe falar alguma coisa, ou vocês mesmo, as meninas aqui da equipe comentam alguma coisa, assim como é que tem que agir com os filhos alguma coisa e eu aprendi, tanto que eu evito até por exemplo, antigamente tudo era bater, bater agora não eu parei, eu tenho aprendido aqui que bater não faz...já sabia, mas a gente não quer botar em prática, mas aqui a convivência é maior por que todos os meses é uma reunião sempre, às vezes puxa uma conversa ali você já vem que não pode, então isso já trouxe paz, de certa forma a gente tem que receber cura venha de onde vier. A gente tem que receber as coisas, as curas das coisas difíceis, por que a gente sabe que bater em filho, bater numa criança, num filho não é legal, ficar brigando, então eu procurei até em relação a J.” (Violeta, mãe ).

Na relação do pai com os filhos:

“Ah sim. Deixa eu ver aqui uma coisa. Sempre é bom, por exemplo, eu acho que uma família tem que ter sempre diálogo né, conversa. É aí tem que haver motivo, ninguém vai conversar do nada, as historinhas, geralmente a gente usa nosso dia a dia pra travar um diálogo. Aqui é muito interessante, quando a G. chega em casa, quando não sou eu que pergunto ou a V. que pergunta, mas é a irmã que pergunta ou o irmão quando chega à noite sempre pergunta a “ e aí como é que foi o dia na escolinha?” Aí ela começa: a porque a tia E., ela chama E. aí eu falo assim, mas lá tem a E. dois, E. três, aí ela fica rindo. Então isso é um benefício. Acho que isso foi transferido para casa pra nossa casa, até como motivo de diálogo de conversa isso foi muito bom. Acho que a pior coisa é você viver dentro de uma casa com cinco pessoas como é lá em casa e não ter um diálogo não ter uma conversa, ser cada um na sua sem poder compartilhar nada e eu vejo que pelo menos isso aí chegou de bom em casa” (Girassol ,pai).

Na relação mãe/avó com filhos e netos:

“Eu tenho muita paciência com meus filhos tem hora que eles me deixam cansada e nervosa, mas sei que bater que brigar não adianta tem que ter paciência. Tentar ficar calma. A Assistente Social conversava muito com a gente sobre a criança, a Nutricionista falava da alimentação das crianças de dar frutas, legumes e coisas que as crianças comiam, aqui vocês ensinavam a gente como fazer. Não judiar das crianças, respeitar o jeito das crianças, tratar elas bem que os pequenos precisam ser cuidados direito, mesmo para mim que nunca gostei de maltratar as minhas crianças, os mais velhos de vez em quando você dá uma chinelada e com as crianças eu acho que é covardia” (Flor de Liz, mãe e avó).

Na questão da entrevista realizada na pesquisa, que tratava sobre as expectativas de futuro não surpreendeu que todos os entrevistados afirmassem acreditar que seus filhos/netos/sobrinhos terão um futuro promissor, embora estejam conscientes das dificuldades de vencer.

Todos sinalizaram o fato das crianças estarem na escola e que isso representava um futuro diferente do próprio. Uma entrevistada falou com um brilho nos olhos sobre o orgulho de ter um filho universitário e ela própria ter voltado a estudar.

“Ah sim. Todo mundo estudando... O A. terminou o segundo grau, tá pretendendo prestar vestibular... Ele não sabe quando, mas é o sonho dele, meu filho na Faculdade, eu estudando eu só vejo algo melhor para o futuro, minha filha estudando daqui a pouco tá se formando também, fazendo uma Faculdade e a gente vê assim uma luz brilhando. Eu to gostando muito de ter voltado a estudar e até me arrependo de não ter voltado antes, foi muito tempo perdido, mas a gente sabe que tudo é no tempo de Deus mesmo é tudo no caminhar como a gente se coloca mesmo. Agora que eu vejo que sou outra pessoa, estudando me sinto até uma adolescente na sala de aula, boto a mochila nas costas me arrumo e vou muito feliz eu to, muito feliz mesmo. Mesmo cansada, na hora não tem cansaço, eu vou assim com muita alegria. Apesar das dificuldades que eu estou tendo para aprender, tá sendo muito difícil, mas eu não vou desistir até porque o Diretor tá dando muita força, tá pedindo assim para gente não desistir, pra gente continuar que a gente vai chegar lá né” (Violeta, mãe).

“Ah... É bom, eu percebo sim, percebo que a gente, por exemplo, a V. A V. não queria estudar. Eu sempre dei força para ela, mesmo quando a gente casou né eu casei com 17 ela casou com 22 anos e desde o início eu dava força para ela eu vejo que depois assim, depois daqui, eu terminei e tal, meu período escolar normal, e aí eu continuava dando força e ela sempre não já to velha e tal, e sempre dizendo não, não tá velha e tal, porque na minha sala de aula tinha gente bem mais velha que eu. E depois que a G. começou aqui, aí ela participou de umas reuniões aqui e nisso depois ela chegou em casa dizendo:vou estudar, vou meter a cara e vou estudar. E eu falei é isso aí, fui com ela na escola fiz a matrícula dela e ela começou a estudar e eu vi que até isso também foi bom pra gente e despertou na V. uma vontade de aprender. Claro que ela ficou 20 e tantos anos fora da sala de aula então tudo é novo para ela, tudo é diferente, mas é bom porque ela teve uma motivação a estudar. E aí ela vai, chega em casa cheia de coisa cheia de dever para fazer e tal, mas eu vejo isso como uma perspectiva porque ainda que ela não chegue a cursar uma Faculdade, chegue a se especializar em nada, só o fato de aprender é muito bom isso” (Girassol, pai).

“O pai do meu filho R. eu não quero mais ficar com ele. Eu quero voltar a trabalhar, R. está encaminhado porque ele está numa ótima escola, uma excelente escola que puxa demais. Está fazendo curso, ele falou que depois que terminar o curso de inglês ele quer fazer de francês depois de alemão... Ele quer estudar. E o J. C. também e eu quero voltar a estudar para poder dar uma ajuda financeira para o meu avô” (Camélia, mãe)

Na questão que solicitei a cada entrevistado que comentasse livremente sobre as sete possibilidades de mudanças relacionadas às crianças da família, à formação (pessoal e das crianças), as respostas foram significativas.

Notei que se emocionavam ao falar das crianças e de como aos poucos foram descobrindo novas maneiras de se relacionarem e serem capazes de junto com filhos/netos/sobrinhos construir a nova história da família.

Neste sentido recorro a Arendt (2005) que diz que os seres se revelam a partir da Ação e do Discurso:

“A história real, em que nos engajamos durante toda a vida, não tem criador visível nem invisível porque não é criada. O único ‘alguém’ que ela revela é seu herói; e ela é o único meio pelo qual a manifestação originalmente intangível de um ‘quem’ singularmente diferente poder tornar-se tangível *ex post facto* através da ação e do discurso. Só podemos saber quem um homem foi se conhecermos a história da qual ele é o herói – em outras palavras, sua biografia; tudo o mais que sabemos a seu respeito, inclusive a obra que ele possa ter produzido e deixado atrás de si, diz-nos apenas o que é ou foi” (2005:198-199).

A história de cada família é multiplicada. Ela é feita de seres humanos que se relacionam dinamicamente entre seus membros. Poder mediar as relações de conflitos familiares entre adultos e crianças é função privilegiada do Assistente Social que trabalha com a família

Embora as dificuldades estejam presentes, mães, pais, avós e tios afirmam que as crianças ocupam espaços privilegiados em suas vidas.

“No momento eu estou só pensando nos filhos. Agora é só eles. Estão em primeiro lugar na minha vida, eles e a formação deles. Na minha cabeça mesmo só tem eles, faço tudo para eles. Trabalho... Nem sei o que vem depois. Coitado do R.

Mas, se eu fosse pensar assim primeiro ia vir meus filhos, R. ia ficar em último lugar o que também é importante é a minha formação né? Afinal de contas eu nem terminei a escola o segundo grau, gostaria muito de terminar não consigo nem imaginar quando. Não sei. Eu penso tanto nas crianças. Mas eu gostaria muito de estudar. Depois o esposo para ele não ficar triste. O trabalho estaria junto com a formação né, mas até mesmo porque eu gostaria de tá trabalhando também. Eu gostaria de ser mãe cuidar deles e também trabalhar. Ter uma coisa que desse para fazer as duas coisas até mesmo por que. O ideal seria isso. Porque minha mãe trabalhou tanto, entendeu? A gente era criança tinha quatro filhos, ela trabalhava e era mãe e estava ali com a gente, entendeu, porque ela conseguiu conciliar as duas coisas” (Jasmim, mãe de três filhos).

“Mais importante aí são os filhos né! Porque no momento é tudo para mim todas duas, tudo. A coisa mais importante na minha vida no momento são as duas. Botei isso. Segundo aí é a formação. Das duas, não to nem pensando em mim, terceiro eu já to pensando em mim. Formação pessoal, para poder dá o melhor para elas, mas no momento acho que a prioridade tá sendo elas. Formação dos filhos, formação pessoal. Quarto é o trabalho, o meu trabalho, que eu to pensando muito, não achei ainda o rumo, o trabalho que me estabilize, estabilidade financeira que eu ainda não to tendo. Não to tendo ainda sossego de botar a cabeça no travesseiro tranqüila, to vendo que eu ainda não consegui” (Rosa, mãe).

“Sobrinhos. Porque hoje eles participam de praticamente de 99,9 por cento da minha vida. Então até... Hoje dia eu andava até um pouco estressado, e as crianças para mim foi até um remédio contra o stress. Ao contrário de muita gente que se irrita com as crianças eu acho até que as bagunças que eles fazem, eu gosto me diverte. E mesmo, às vezes eles gritam o pessoal se irrita, eu acho aquilo normal, mesmo à noite, incomoda o vizinho, que o vizinho quer dormir. Mas, eu acho divertido. Eu não acho legal quando eles estão sentados vendo televisão, sem fazer nada, aquilo irrita, pelo menos ficando muito tempo, passou de meia hora é muito tempo, eu gosto de ver criança brincando” (Lírio, tio).

“Os filhos né! Porque filho é tudo pra gente. A mãe quer ver os filhos assim felizes, com saúde, realizados, isso deixa uma mãe feliz. Quando o filho está realizado a mãe se sente realizada

também. É igual o M. esse ano ele falou assim, foi no meu aniversário, mãe eu não tenho dinheiro, porque ele tava pagando a Faculdade, eu não tenho dinheiro para te dar um presente, eu digo você já me deu um presente e você não sabe, o maior presente que você me deu foi você entrar para a Faculdade então isso para mim não tem dinheiro que pague é o melhor presente que você poderia me dar, eu ver você fazendo a Faculdade. Então filhos. E segundo esposo. Porque o esposo é a continuidade da família, é através dele que vêm os filhos é uma pessoa que nos ajuda, que está ali no dia a dia com a gente trabalhando, lutando pelo o bem estar da família então. Primeiro filho, segundo marido com certeza” (Violeta, mãe).

As observações que cheguei com base nas reflexões feitas até aqui mostram que as relações familiares entre mães, pais, avós, tios e suas crianças podem ser construídas e ampliadas desde que tenham oportunidades de acesso as políticas sociais públicas e principalmente venham a exercitar sua capacidade de uso de ações respeitadas e criativas.

O CSSE busca através de suas ações enfrentar junto aos familiares esse grande desafio.